

## **ZONA FRANCA DE MANAUS: MÃO DE OBRA FEMININA E O POLO INDUSTRIAL**

Vanessa Pereira Araújo  
Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM  
E-mail: [vanessaraujocontabil@gmail.com](mailto:vanessaraujocontabil@gmail.com)

Gláucio Campos Gomes de Matos  
Professor e orientador do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM  
E-mail: [glauciocampos62@gmail.com](mailto:glauciocampos62@gmail.com)

### **RESUMO:**

O presente artigo é qualitativo e bibliográfico, tendo o objetivo de destacar a importância da mão de obra feminina para o Polo Industrial de Manaus. Apesar de uma relação de poder inferior, a mão de obra feminina, devido suas características peculiares, ganha notoriedade no processo produtivo, tornando-se indispensável para uma produção de qualidade, em grande escala.

**Palavras-chave:** Zona Franca de Manaus. Mão de obra feminina. Relação de poder. Polo Industrial.

## **MANAUS FREE TRADE ZONE: FEMALE LABOR AND THE INDUSTRIAL POLE**

### **ABSTRACT:**

This article is qualitative and bibliographic, aiming to highlight the importance of female labor for the Industrial Pole of Manaus. Despite an inferior power relationship, the female workforce, due to its peculiar characteristics, gains notoriety in the production process, making it indispensable for quality production on a large scale.

**Keywords:** Manaus Free Trade Zone. Female workforce. Power relationship. Industrial Pole.

## **INTRODUÇÃO**

O Polo Industrial de Manaus (PIM) inicia o ano de 2021 com um faturamento de R\$ 10,22 bilhões, contando com 416 empresas, que se dividem na fabricação de televisores, motocicletas, smartphones, condicionadores de ar, notebooks, canetas esferográficas e barbeadores (SUFRAMA e SUFRAMA, 2021).

Não há como negar a importância do Polo Industrial para o Estado do Amazonas, especificamente para Manaus, no qual as empresas que aqui se instalam são atraídas por meio de incentivos fiscais oferecidos pela Zona Franca de Manaus (ZFM) conforme previsto no Decreto-Lei Nº 288 de 28/02/1967.

Os incentivos fiscais são ofertados para compensar a dificuldade logística que a região Norte possui, fazendo com que o mercado amazonense torne-se economicamente

competitivo nacionalmente.

O modelo ZFM traz consigo incentivos fiscais para “compensar” a posição geográfica a qual a capital do Estado do Amazonas está situada e as dificuldades logísticas que a região possui. Tal estratégia política e econômica, foi para atrair investimentos para a região com o intuito de gerar uma dinâmica capitalista.

Com a instalação das fábricas no Polo Industrial de Manaus (PIM), abrem-se novos campos de trabalho para homens e mulheres, no qual a mulher manauara passa a fazer parte do trabalho fabril, e nesse contexto, ela sai de um modo de produção extrativista, artesanal e passa a um novo modo de produção, inserindo-se na linha de montagem do “chão de fábrica”<sup>1</sup>.

Com a implantação das indústrias, mulheres amazonenses foram atraídas para a capital, no qual deixaram o modo de produção extrativista, artesanal, para um novo modo de produção. Primeiramente, o tempo cíclico, da natureza, orientadas pelo sol e chuva direcionava suas atividades produtivas, posteriormente, ao inserir-se nesse novo modelo, o tempo passou a ser controlado através do relógio e calendários, colocando-as em novas rotinas temporais, imbricadas ao modo de produção. Para Elias (1998, p. 84):

o que chamamos tempo é, em primeiro lugar, um marco de referência que serve aos membros de um certo grupo e em última instância, a toda humanidade, para instituir ritos reconhecíveis dentro de uma série contínua de transformações do respectivo grupo de referência ou também, de comparar uma certa fase de um fluxo de acontecimentos.

Na indústria, a regulação do tempo é feita para que nenhum segundo seja desperdiçado, pois, a cada segundo perdido é algo que deixa de ser produzido, conseqüentemente há uma diminuição do lucro, diferentemente da exigência que ocorre na produção artesanal e extrativista.

No espaço fabril do PIM, Cleiton Brito e Jeanne Maciel (2019) destacam que, grande parte das contratações para o “chão de fábrica” é composta por mão de obra feminina, pelos seguintes motivos: é vantajoso para indústria contratar mulheres solteiras, porque elas recebem salários inferiores aos dos homens; se enquadra melhor

---

<sup>1</sup> Local onde fica a linha de produção.

à linha de montagem, pois ela é mais minuciosa; tem mais responsabilidades; geralmente não bebe; é mais temerosa às leis, às greves, e menos infiltrada nos movimentos sindicais.

Marilene Correa (2013) relata que as indústrias espalharam-se pelos países pobres, pois estes forneciam mão de obra barata, principalmente feminina. Tanto Brito, Maciel (2019) quanto Correa (2013), enfatizam sobre a mão de obra feminina na indústria, porque o espaço fabril, principalmente na indústria de eletroeletrônico, grande parte das contratações para o “chão de fábrica” é composta por mulheres, devido suas habilidades manuais e emocionais. Nesse sentido, de posse do poder econômico, as Corporações elencam os critérios para seleção dos funcionários para a linha de produção baseados nas qualidades que as mulheres apresentam. Embora sem uma reflexão crítica de sua posição de subalterna, nota-se a relevância da mulher para o funcionamento do PIM.

Esta pesquisa tem por objetivo destacar a contribuição da mão de obra feminina para o Polo Industrial de Manaus, demonstrando as relações de poder, nas figurações em que a mulher representa no espaço fabril.

Diante disso Matos (2015, p. 100) destaca, que “no cotidiano das relações humanas, os indivíduos vão se inserindo em figurações que evidenciam suas condicionantes, suas regras, suas subjetividades e razão”, portanto, desde o momento que a mulher adentra no mundo do trabalho, no modelo produtivo fabril e linha de montagem, ela passa a exercer diversas figurações, além de mãe, esposa, dona de casa, ela passa a exercer também a figuração de trabalhadora, executiva, operária.

Para Matos (2015, p. 101) “o poder se mostra conforme as relações se estabelecem” e para Elias (1980, p. 80) “o poder, pode ser distribuído muito desigualmente, porém, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas”.

Na linha de produção, a mulher é contratada por atender critérios já mencionados anteriormente que a colocam em uma posição hierárquica inferior, isso acontece devido ao processo produtivo possuir atividades repetitivas que não necessitem de capacitação técnica, nem experiência, num primeiro momento, seguindo as ideias de Elias (2006), sem o diferencial social, a mulher foi sendo captada para exercer atividades não

especializadas, mas o tempo no “chão de fábrica” lhe proporciona experiência e à medida que se especializa e se diferencia em suas funções, em trabalhar em linhas de montagem das fábricas, vai gradativamente se especializando, sendo um diferencial social e exercendo cada vez mais, funções especializadas, porém, ela possui qualidades, em relação aos homens, que as colocam situação de produzir em maior quantidade e qualidade. Suas características advindas de uma formação patriarcal, isto é, social e cultural, colocando-as na posição de atividades domésticas, desenvolveram um *habitus* social de subserviência vantajoso para o enquadramento às exigências do “chão das fábricas” que contribuem para maior produção. Qualidades biológicas de um lado e psíquicas de outro, fortalecem sua posição produtiva.

O artigo é relevante para sociedade e reflexões acadêmicas, pois há muito tempo a mulher, em especial amazonense, é tratada apenas como uma mão de obra feminina de baixo custo. A proposta é uma inflexão, em outras palavras, dados as suas qualidades, a mulher deve ser encarada como um importante elo nas relações de interdependências funcionais para manutenção da produção em auto escala no Polo Industrial de Manaus. O artigo é de cunho qualitativo e bibliográfico, com aporte teórico de Norbert Elias.

## **1 ZONA FRANCA DE MANAUS**

Atualmente com 54 anos de existência, a Zona Franca de Manaus (ZFM) continua gerando emprego e renda, através de 416 empresas (SUFRAMA, 2021) que contribuem ativamente para o desenvolvimento da Amazônia.

O modelo ZFM surge como uma alternativa, após o declínio da economia da borracha. Primeiramente como um projeto o Projeto de Lei nº 1.310, de 23 de outubro de 1951, apresentado pelo Deputado Federal Francisco Pereira da Silva, que tinha como proposta a criação de um porto franco em Manaus. Este projeto é que, emendado pelo deputado Maurício Joppert, foi convertido na Lei nº 3.173, de 6 de junho de 1957, no qual transformou o Porto em Zona Franca de Manaus. Somente em 28 de fevereiro de 1967, ou seja, quase 16 anos após o projeto de lei, através do Decreto nº 288 é que a Zona Franca foi efetivamente implantada, durante o governo do General – Presidente José de Alencar Castelo Branco, que sabia da necessidade de investimentos para a economia da região, com o intuito de promover reintegração à divisão internacional do trabalho e à

dinâmica do capitalismo global (CARVALHO, 2009).

As empresas que se instalam no PIM são atraídas através dos incentivos fiscais oferecidos pela Zona Franca, conforme previsto no Decreto-Lei Nº 288 de 28/02/1967 em seu artigo 1º:

A Zona Franca de Manaus é uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitam seu desenvolvimento, em face dos fatores locais e da grande distância, a que se encontram, os centros consumidores de seus produtos.

Nesse sentido, os principais incentivos fiscais são a isenção de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e do Imposto sobre Importação (II), concessão de crédito e restituição do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e o governo municipal isenta as empresas incentivadas do recolhimento de uma série de tributos. Todos esses incentivos são gerenciados pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA); (CARVALHO, 2009).

Carvalho (2009) relata que, inicialmente a Zona Franca foi criada por um período de 30 anos, que marcam os anos de 1967 a 1997, como uma alternativa econômica, permitindo que durante esse período surgissem outras atividades que integrassem a economia da região Norte. Felizmente o modelo ZFM completou 54 anos, e infelizmente a região continua dependente dos incentivos fiscais, pois, até o presente, não foi pensada em uma economia alternativa para a manutenção da econômica dessa região, no entanto, os incentivos foram prorrogados até 2073.

## **2 MÃO DE OBRA FEMININA NO POLO INDUSTRIAL DE MANAUS**

Em Manaus, no final do século XIX e início do século XX, durante a economia da borracha, a cidade passou por intenso desenvolvimento, fazendo com que ampliasse a oferta de trabalho tanto para homens quanto para as mulheres. Neste momento de ascensão econômica, foram ofertados cursos profissionalizantes e de ensino superior, capacitando a mulher para a nova realidade a ela imposta, por intermédio de uma educação mais completa (CAMPOS, 2010).

Lima (2009) retrata que, durante o período de produção e comercialização da borracha, Manaus ficou conhecida como Paris dos Trópicos, por causa da sua urbanização que foi importada da França, além disso, a época ficou marcada pela construção do Teatro Amazonas e a primeira universidade Brasileira, a universidade Livre de Manaós, atual UFAM.

Na década de 30, (CARVALHO, 2009, p. 85) “os seringais nativos da Amazônia” foram substituídos “pelos seringais da Malásia, no Sudeste Asiático, nos quais a borracha passou a ser produzida por meio de técnicas racionais”, desde então a economia manauara entrou em decadência.

O Deputado Francisco Pereira da Silva, preocupado com economia da região, criou um projeto de lei em 1951, para criação de um porto franco em Manaus, que transformou-se em Lei em 1957. Portanto, apesar de a ZFM ter surgido na década de 50, as primeiras indústrias foram instaladas somente na década de 70, marcando o início do processo produtivo no Polo Industrial de Manaus.

Araújo (1985, p. 205) esclarece, que “o projeto do Distrito Industrial foi iniciado no início da implantação da Zona Franca de Manaus, em 1968”, e em 1973 iniciou a produção com a “instalação da Springer da Amazônia”.

Com a chegada das indústrias, a vida da mulher manauara passa por profundas mudanças, pois ela deixa a produção extrativista e artesanal e se insere a um novo modo de produção. Na produção extrativista há um tempo cíclico, da natureza, no qual são orientadas pelo sol e chuva, a medida que a mulher migra para a capital, em busca de novas oportunidades, emprega-se nas fábricas, passando a ter um novo modo de produção, que é controlado através do relógio e calendários, colocando-as em novas rotinas temporais, imbricadas a um novo processo produtivo, porém, passando exercer coação externa dado as funções que passa a desempenhar nas novas figurações.

Elias (1998, p. 8) explica que, “os relógios exercem na sociedade a mesma função que os fenômenos naturais – a de meios de orientação para homens inseridos numa sucessão de processos sociais e físicos”, dessa maneira, serve como guia para harmonizar o comportamento da sociedade.

No espaço fabril o controle do tempo é fundamental para que se tenha um rendimento produtivo, portanto, cada minuto da operária é controlado em prol de uma

produção em grande escala.

A partir do momento em que a mulher se insere no mercado de trabalho, novas figurações surgem, porque além de mãe, esposa, dona de casa, ela passa a exercer também a figuração de trabalhadora, executiva, operária. Para Elias (2006, p. 26) “os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas”. Portanto, em casa a mulher exerce a figuração de mãe, esposa e dona de casa, já no ambiente laboral, exerce função de trabalhadora, executiva, operária, etc.

Dependendo da figuração que a mulher exerce, há uma mudança na relação de poder, deixando-a em uma posição de controle ou subalterna, dessa maneira, torna-se claro que o poder (MATOS, 2015, p. 101) “se mostra conforme as relações se estabelecem”.

No PIM, embora ela esteja, muitas das vezes em uma posição hierárquica inferior, torna-se um elemento fundamental para o meio produtivo. A posição hierárquica inferior se deve ao fato, (LIMA, 2009) de que a grande maioria da mão de obra feminina é voltada para funções de montadoras, operadoras e calibradoras, atividades essas, que além de serem repetitivas, não exigem conhecimento técnico e experiência, conseqüentemente são funções com baixas remunerações.

Apesar de na indústria, a mão de obra feminina estar em uma posição subalterna, a mulher consegue desempenhar suas funções de maneira magistral, garantindo uma produção de qualidade e em grande escala.

Por possuir características peculiares, as mulheres desempenham com êxito as atividades manuais (SALAZAR, 1992, apud BRITO, 2017, p. 78), além de ser uma “mão de obra mais barata, tem mais responsabilidade que o homem, ela geralmente não bebe, ela dá conta melhor desses trabalhos minuciosos, de montagem de pequenas peças, tem aquele jeitinho de mulher, ela dá conta com mais facilidade que o homem”, por conta disso o “Distrito Industrial começou a requisitar mulheres com mais frequência, devido a esses requisitos”.

### **3 O DIFERENCIAL SOCIAL: da inexperiência à funções especializadas na dinâmica do mercado de trabalho**

A inserção da mulher no mercado de trabalho ocorreu gradativamente, e dois fatores contribuíram para tal acontecimento. O primeiro foi a I e II guerra mundial, onde os maridos eram convocados para a o campo de batalha, conseqüentemente, as mulheres assumiam os negócios da família. O segundo fator ocorreu com o advento da Revolução Industrial, no qual através da implantação das indústrias e a decadência do campesinato<sup>2</sup>, as mulheres partiam em busca de empregos nas fábricas. (PROBST, 2005).

A vida feminina sofreu grandes transformações em detrimento da economia capitalista. Nogueira (2010, p. 15), relata que “com a consolidação do sistema capitalista” houve mudanças no processo produtivo feminino, pois, o crescimento industrial atraiu um “número considerável da mão de obra feminina” para as fábricas.

Com a decadência do campesinato as trabalhadoras deixavam o campo e seguiam para as capitais em busca de emprego nas fábricas. O trabalho artesanal, que era repassado de geração em geração, foi substituído pelas máquinas das grandes fábricas, com objetivo de produzir em grande escala.

Na contemporaneidade as mulheres foram cada vez mais deixando o ambiente doméstico para se empregarem nas indústrias. A necessidade de inserção da mão de obra feminina no espaço produtivo se deu em razão de complementar a renda da família, em contrapartida, o trabalho contribuiu para que a mulher conquistasse seu lugar no mercado econômico.

Se na década de 70, em Manaus, a indústria recrutava mão de obra sem capacitação técnica, atualmente, as empresas exigem no mínimo o ensino médio completo. Com a implantação da tecnologia no processo fabril, passou-se a exigir mão de obra com uma escolaridade de ensino médio e algum conhecimento adequado referente ao trabalho operacional, pois para os gestores das áreas, um trabalhador com um nível maior de escolaridade, poderia contribuir para melhorias nos processos, ele poderia fornecer mais ideias para reduzir tempo e custo no processo produtivo (BRITO; MACIEL, 2019).

---

<sup>2</sup> (HOBSBAWM, 2000) trabalhadores agrícolas.

Dados do IBGE (2019) apontam que as mulheres brasileiras são mais instruídas que os homens, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), em 2019 uma população com 25 a 34 anos ou mais, 18,3% dos homens possuíam nível superior, enquanto que as mulheres representavam 25,1% com nível superior completo.

De acordo com Nogueira (2010, p. 12) a mulher se “especializa através de estudos e qualificações profissionais”, além de promoverem “um melhor planejamento familiar”, fazendo com que ela conquiste posição de destaque dentro e fora do ambiente doméstico.

Verifica-se que a mulher vem se especializando através dos estudos, tornando-se mais capacitada profissionalmente, deixando para trás o dito popular “filho de peixe, peixinho é”, no qual para Matos (2015, p. 49-50):

Na concepção naturalista, a expressão popular filho de peixe, peixinho é ou de filho humano, humano é, torna-se compreensível, mas na natureza humana a forma figurada do emprego dessa sentença transmite a continuidade de qualidades boas ou ruins. No Amazonas, o ditado popular vem se revestindo de qualidades boas e não mais dando continuidade à profissão dos pais. Hoje, filho ou filha de pescador, agricultor, piabeiro, seringueiro não seguem mais a formação dos pais, agora se tornam, entre outras profissões, professores ou professoras.

Franciscani (2010) relata que, as mulheres foram vencendo barreiras e conquistando cargos mais substanciais no mercado de trabalho, no qual novas profissões surgiram para as elas, além de montadoras no processo produtivo fabril, passaram a ocupar cargos de gestão e até funções que antes eram tidas como masculinas, como, por exemplo, motorista, mecânica, jogadora de futebol, piloto de avião, engenheira, cientista, militar, polícia etc.

Para Caldas (2019, p. 125-126) “deve-se reconhecer que, nas diferentes formas de organização do trabalho e nas relações de produção (...) há uma expressiva participação das mulheres nas diversas atividades ocupacionais”.

Devido às habilidades físicas, biológicas e psicológicas, a mulher superou obstáculos e conseguiu avançar na educação e profissionalização, conquistando

posições laborais de destaque, portanto, (ASSIS, 2010, p. 5) “já não se pode mais dizer que as mulheres são inferiores que aos homens”.

Segundo Probst (2005, p. 6) “um estudo realizado pela Hudson Institute, dos Estados Unidos, “aponta que as mulheres serão as líderes desse milênio e que a expectativa é de que neste século, pela primeira vez na história, as mulheres superem o número de homens nos postos de trabalho”. Dessa maneira, verifica-se que há um rompimento de uma forte estrutura patriarcal, “moldadas pelos homens a partir da Era Industrial”, portanto com todas as conquistas femininas “a mulher da atualidade nem de longe tem o mesmo perfil daquelas que encontravam realização trabalhando nas linhas de produção”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise em retrospectiva mostrou a necessidade e a importância da criação da Zona Franca de Manaus e Polo Industrial para a economia do Amazonas, na época em que houve a decadência da exportação da borracha. Surgem novas possibilidades de absorção da mão de obra local, porém, quase sem qualificação profissional, desencadeando exploração e baixos salários.

Mas, na atualidade é comum depararmos com a mulher exercendo posições de destaque no mundo do trabalho, ocupando as mais diversas funções, principalmente as que antes eram tidas como exclusivamente masculinas.

A medida em que a mulher é inserida no mercado de trabalho, a mesma passa a se inserir em diversas figurações, dentre elas, mãe, esposa, dona de casa, empresária, executiva, etc. Dependendo da figuração exercida, ela pode estar em uma relação de poder superior ou subalterna.

Com a instalação das indústrias em Manaus, a mão de obra feminina sai da produção extrativista e artesanal, e passa para uma produção controlada pelo tempo do relógio, no Distrito Industrial. As empresas mostram preferência para contratação de mão de obra feminina, principalmente a indústria de eletroeletrônico, usando como justificativa as características físicas, biológicas e psíquicas. No “chão de fábrica” os trabalhos são repetitivos e não exigem conhecimento técnico, conseqüentemente os salários são mais

baixo.

Apesar, de na indústria, a mulher enquanto operária, exercer uma posição de poder inferior, suas características peculiarmente feminina e a forma como ela lida com os problemas, a deixam em uma posição de destaque no PIM, pois, fica evidente, que suas habilidades administrativas do controle do lar, refletem no processo laboral, fazendo com que ela produza em grande escala e com eficiência, tornando-se indispensável para o processo produtivo.

A cada dia, a mão de obra feminina ganha destaque no mercado de trabalho, pois, conseguiu um diferencial social, através do avanço nos estudos e profissionalização, no que lhe concerne, foram abrindo um leque de oportunidades laborais. Por intermédio da Zona Franca de Manaus, o Polo Industrial, é um exemplo de espaços laborais onde se pode constatar a protagonização da mulher em várias figurações.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, Nice Y Benevides. **O Milagre dos manauaras: Zona Franca de Manaus.** Dissertação Mestrado – Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1985.

ASSIS, Rosiane Hernandez de. **A inserção da mulher no mercado de trabalho.** Instituto Superior de Educação Ceres – ISE CERES) VI CONVIBRA - Congresso Virtual Brasileiro de Administração. São Paulo, 2010.

BRASIL – **Decreto-Lei n.288/67.** Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/Legislacao/Decretos-leis/DecLei28867.htm>>. Acesso em: 16 junho 2021.

BRITO, Cleiton Ferreira Maciel. **Made in China/ Produzido no Polo Industrial da Zona Franca de Manaus: o trabalho nas fábricas chinesas.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos – PPGS/UFSCar. São Carlos, 2017.

BRITO, Cleiton Ferreira Maciel; MACIEL, Jeanne Mariel Brito de Moura. **Fábricas selvagens: transformações do trabalho no Polo Industrial da Zona Franca de Manaus.** Novos Cadernos NAEA, v. 22, n. 1, jan-abr. 2019, p. 137-158.

CALDAS, Iraildes. **O trabalho das agricultoras da Amazônia: um olhar para os direitos humanos.** Saberes da Amazônia, vol. 04, nº 09, Jul-dez. Porto Velho, 2019

CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. **Trabalho e Emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus.** Dissertação do Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010.

CARVALHO, Marcelo Bastos Seráfico de Assis. **O empresário local e a Zona Franca de Manaus: Reprodução social e Globalização econômica.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia.** Lisboa: Edições 70, 1980.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Editora Zahar, 1ª edição. Rio de Janeiro 1998.

ELIAS, Norbert. **Escritos e Ensaios – 1 – Estado, processo, opinião pública.** Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Rio de Janeiro, 2006.

FRANCISCANI, Jane Stella. **A mulher no mercado de trabalho e a luta pela valorização.** Trabalho de conclusão de curso – Instituto Municipal de Ensino superior de Assis – IMESA e Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA. Assis, São Paulo, 2010.

IBGE. **Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro, 2019.

LIMA, Vivian Silva. **“Produzidas no Polo Industrial de Manaus”. Experiências de mulheres trabalhadoras.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília. 2009.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na Hinterlândia Amazônica.** Editora Valer/ Fapeam. Amazonas, 2015.

NOGUEIRA, David Antônio. **A evolução da mulher no mercado de trabalho.** Trabalho de conclusão de curso – Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis. São Paulo, 2010.

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho.** Instituto Catarinense de Pós-graduação – ICPG. Santa Catarina, 2005.

SILVA, Marilene Corrêa. **Metamorfoses da Amazônia.** Editora Valer, 2a edição. Amazonas, 2013.

SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus. **Idústria.** <https://www.gov.br/suframa/pt-br/zfm/industria>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus. **Indicadores janeiro 2021.** [https://www.gov.br/suframa/pt-br/publicacoes/indicadores/caderno\\_indicadores\\_janeiro\\_2021\\_\\_gerado\\_em\\_25-03-2021\\_.pdf](https://www.gov.br/suframa/pt-br/publicacoes/indicadores/caderno_indicadores_janeiro_2021__gerado_em_25-03-2021_.pdf). Acesso em: 16 jun. 2021.